***Tolera Construindo***

Se procurarmos no dicionário o significado do verbo tolerar, vamos encontrar diversas definições, sendo que a grande maioria delas remete à ideia de suportar alguém ou alguma coisa no grau mínimo necessário.

Se eu digo, por exemplo, "Eu não gosto do meu chefe, eu apenas o tolero", significa que eu não tenho pelo meu chefe nenhum apreço, nenhuma simpatia. Muito pelo contrário: meus esforços se concentram unicamente em manter com ele um relacionamento estritamente dentro das minhas obrigações. Nada mais além disso.

E quando digo que não tolero uma pessoa, estou afirmando que não consigo ter com ela a mínima convivência. A simples presença daquela pessoa é algo insuportável para mim.

A partir do momento em que conhecemos o Evangelho de Jesus, sobretudo quando estudado sob a luz da Doutrina Espírita, o verbo tolerar adquire um significado bem diferente.

Aliás, todas as nossas responsabilidades perante Deus, ao próximo e à nós mesmos adquirem um sentido muito mais amplo.

Por exemplo: o perdão. Muitas pessoas quando tem desentendimentos com alguém dizem: "Eu perdoei mas não quero ver a pessoa nunca mais na vida". Ou então: "Perdoei mas se eu vir a pessoa caminhando na mesma calçada que eu, vou para o outro lado da rua para não ter que passar por ela".

Para essas pessoas, o fato delas não terem procurado se vingar do ofensor é sinal de perdão.

Nós, Espíritas, aprendemos que perdoar consiste no esquecimento total das ofensas. E se não conseguimos esquecer as ofensas de imediato, não devemos nutrir pensamentos e sentimentos negativos contra nossos ofensores.

É fácil esquecer completamente as ofensas? Não, de forma alguma. Muito pelo contrário: é extremamente difícil. Mas esse é verdadeiro perdão que Jesus nos ensinou e exemplificou.

Outro conceito bastante distorcido por nós: a Justiça Divina. Quantas pessoas desejam ardentemente que Deus exerça Sua justiça de acordo com os critérios delas? Elas veem um criminoso, um político corrupto, um malfeitor e esperam ansiosamente que Deus extermine a existência do irmão em erro ou que lance pesados castigos sobre ele já na vida atual. E como muitas vezes isso não acontece, Deus é tido como injusto por essas pessoas.

Vem o Espiritismo e nos demonstra com enorme clareza que, em maior ou menor grau, todos nós somos devedores perante a justiça Divina. Que os erros que condenamos hoje nos outros talvez tenham sido cometidos por nós em vidas passadas. E que a existência atual não é mais que uma faísca diante da luz da eternidade. A infalível justiça Divina será aplicada no tempo certo, inclusive sobre nós mesmos.

Assim, Jesus, através de Seu Evangelho de amor e bondade, nos convida a fazer algo além do que é o entendimento comum do mundo. Somos constantemente chamados a realizar mais pelo próximo e, consequentemente, por nós mesmos.

Quando entendemos a necessidade de colocar o Evangelho do Cristo em todas nossas ações, começamos a ver a vida sob um outro prisma, de uma maneira bem diferente.

Assim, a tolerância deixa de ser algo que exercemos como uma árdua obrigação para suportar alguém ou alguma situação e passa a ser uma das mais importantes conquistas a serem alcançadas.

Para que fique claro porque devemos desenvolver a tolerância, vamos recorrer à codificação Espírita.

Em O Evangelho Segundo o Espiritismo, no capítulo III - *Há muitas moradas na casa de meu Pai*, no item intitulado *Diferentes categorias de mundos habitados*, Kardec nos apresenta uma classificação dos mundos de acordo com o grau de evolução dos Espíritos que neles habitam. Segundo essa classificação, os mundos podem ser:

1. Primitivos
2. De provas e expiações
3. Regeneradores
4. Felizes
5. Celestes ou divinos

A Terra é um mundo de provas e expiações onde o mal ainda predomina e o bem encontra dificuldade para agir. Embora a Terra esteja em pleno processo de transformação para mundo de regeneração, nenhum de nós tem dúvidas quanto à atual condição evolutiva do nosso planeta.

Já em O Livro dos Espíritos, na terceira parte da obra, que trata das leis morais, está o capítulo VIII - *Da Lei do Progresso*.

Na questão 779 Allan Kardec pergunta o seguinte:

*A força para progredir, haure-a o homem em si mesmo, ou o progresso é apenas fruto de um ensinamento?*

Kardec está perguntando se o homem progride através de seus próprios esforços ou se seu progresso vem apenas daquilo que é ensinado a ele.

E a Espiritualidade responde:

*O homem se desenvolve por si mesmo, naturalmente. Mas, nem todos progridem simultaneamente e do mesmo modo. Dá-se então que os mais adiantados auxiliam o progresso dos outros, por meio do contacto social.*

O que os Espíritos disseram é que há uma enorme diversidade de caracteres na humanidade e que cabe a nós compreender e respeitar os processos de evolução de nossos irmãos de caminhada, aceitando com serenidade o momento moral e espiritual em que cada um deles se encontra.

Então, se habitamos um mundo onde o mal ainda predomina e se precisamos estar em contato com pessoas de diferentes graus de evolução de forma que possamos ensinar a elas e aprender com elas, fica muito claro que a tolerância precisa ser exercida com paciência, indulgência, compreensão e resignação.

Pois bem. Agora nós já sabemos o verdadeiro significado do verbo tolerar de acordo com a Doutrina Espírita e, consequentemente, com os ensinamentos de Jesus.

Só que o tema do nosso estudo é *Tolera Construindo*. Ou seja: é praticar a tolerância de maneira a edificar algo de bom, útil, positivo nos outros e em nós mesmos. Como podemos alcançar esse objetivo?

Vamos exemplificar com algo bem familiar a nós. Assim vai ficar mais fácil para entendermos.

Quase todos nós que frequentamos a nossa querida FEIG ou outra Casa Espírita séria, já solicitamos um receituário mediúnico. Trata-se de uma orientação obtida pela psicografia na qual os Espíritos nos fazem recomendações, sugerem leituras de obras espíritas e dão instruções com o objetivo de nos auxiliarem.

Todos nós que nos encontramos aqui hoje temos imperfeições. São de naturezas variadas mas sem dúvida alguma todos nós trazemos nossos defeitos. Agora imaginem se os mentores espirituais se recusassem a nos auxiliar por não tolerarem nossas imperfeições. Nossa jornada evolutiva seria extremamente mais difícil e lenta.

Porém, o que a Espiritualidade faz? Acolhe-nos com carinho e paciência; nos oferece todo tipo de auxílio - receituário, passe, água fluidificada, nos visitam no lar; nos dão a valiosa oportunidade de abraçar uma tarefa aqui na casa e, principalmente, nos acompanham em nosso dia a dia. Fazem tudo isso e muito mais por nós, a despeito de nossas imperfeições.

E tem mais: a grande maioria de nós, frequentemente volta a essa casa em busca de auxílio pelos mesmos problemas. Ou seja: buscamos ajuda, a Espiritualidade nos auxilia, nos oferece os recursos para melhorarmos, nós repetimos os mesmos erros, naturalmente sofremos as consequências desses erros e voltamos pedindo ajuda novamente.

E os mentores espirituais pacientemente nos acolhem e nos auxiliam 2, 3 , 5, 10, quantas vezes for possível.

Outra coisa importante: os mentores não nos acusam de nada, não evidenciam nossas imperfeições. É óbvio que eles sabem exatamente quais são nossos defeitos. Mesmo que quiséssemos esconder isso deles não seria possível. Eles ouvem os nossos pensamentos, veem nosso perispírito, nos conhecem profundamente. Ainda assim não nos acusam de nada nem nos condenam.

Geralmente, as instruções que nós recebemos em uma orientação mediúnica são do tipo "tenha bom ânimo", "confie em Jesus", "cultive o hábito da prece", "faça o Culto Cristão no lar", "leia a obra X ou Y" etc.

Tem gente que se frusta com esse tipo de orientação. É que a pessoa vem, solicita o receituário mediúnico e fica na expectativa de ouvir coisas do tipo "Peça demissão do seu emprego porque o ambiente lá é insuportável"; "Alugue um apartamento e vá morar sozinho porque sua mãe é uma pessoa muito difícil"; "Separe de seu marido. Você vai ser mais feliz vivendo sozinha".

Por quê não vem esse tipo de instrução na orientação mediúnica? Simplesmente porque os Espíritos vão nos ajudar a resolver nossos problemas; eles não vão resolver os problemas para nós. Esse trabalho é nosso, não é deles.

Não podemos nos esquecer também de que nós temos o livre-arbítrio. Por mais que a Espiritualidade nos auxilie ela sempre vai respeitar nossas escolhas, sejam elas boas ou ruins.

A decisão final de se fazer ou não fazer algo é sempre nossa, de ninguém mais. E como Deus é justo, receberemos as consequências de nossas escolhas.

Se por um lado a Espiritualidade evita destacar nossas imperfeições, por outro ela não nos incentiva a permanecer no erro.

Não foi assim que Jesus agiu diante dos homens? Ele curou e perdoou mas nunca foi conivente com nosso erros. Pelo contrário. Basta nos lembrarmos da passagem da mulher adúltera em que Ele pergunta à mulher se nenhum dos seus acusadores a haviam condenado. Ela disse que não e Jesus fala "Nem eu também te condeno; vai-te e não peques mais".

Tolerar construindo é entender as dificuldades que todos nós carregamos mas buscando fazer algo que de alguma forma auxilie a pessoa a vencer suas dificuldades, a superar suas más inclinações.

É buscar, diante do erro do irmão, uma forma de edificar algo de positivo em benefício dele.

E com quem nós exercer essa tolerância que edifica? Na prática, com todo mundo.

Jesus, em Mateus 22 : 37-40 nos disse:

*Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. Este é o primeiro e grande mandamento.*

*E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo.*

*Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas.*

Sem ter a intenção de comparar o Irmão Glacus ao nosso Senhor Jesus Cristo, o irmão Glacus disse algo semelhante sobre essa Casa:

*O compromisso da FEIG é com o ser humano.*

Uma coisa precisa ficar clara sobre essa frase do irmão Glacus. Quando ele fala do comprimisso da Fraternidade Espírita Irmão Glacus ele não está restringindo esse compromisso somente aos mentores espirituais ou os tarefeiros dessa casa.

Temos que nos lembrar que quando somos acolhidos aqui na FEIG, nós nos vinculamos espiritualmente a essa casa. Passamos a fazer parte da família espiritual que ela constitui.

Então, o compromisso com o ser humano passa a ser nosso também. Nós viemos aqui em busca de ajuda e crescimento espiritual e recebemos. Passa a ser então responsabilidade nossa distribuir lá fora o bem que aqui recebemos. Levar esclarecimento e conforto, dentro de nossas possibilidades, a quem seja possível.

Contudo, não podemos nos esquecer de que todo e qualquer trabalho de edificação deve ser feito com paciência e serenidade. Não devemos tentar impor à ninguém nossos pontos de vista. Não temos o direito de violentar consciências.

Se estamos felizes com a transformação que o Espiritismo promoveu em nossas vidas e queremos que os outros saibam dessa transformação, então a melhor forma de se fazer isso é através do exemplo. Nada convence mais e melhor do que o exemplo.

Há um grupo de pessoas no qual os exemplos precisam ser dados com mais ênfase: a família consangüinea. Ela é nossa primeira e mais importante célula de trabalho.

No livro Pão Nosso, na lição número 117 - *Em Família*, Emmanuel através da psicografia de Chico Xavier, nos diz que jamais conseguiremos ser benfeitores de cem ou mil pessoas se não formos capazes de servir a 5 ou 10 criaturas.

E por que a família em que renascemos é tão importante? É que geralmente nela se encontram nossos maiores credores e devedores. É no núcleo familiar que estão os Espíritos com os quais temos os maiores compromissos.

Vamos fazer uma breve explanação sobre como se dá a escolha dos Espíritios que irão integrar uma família consangüinea.

Quando estamos na erraticidade, que é o período que se dá entre duas reencarnações, temos uma visão mais clara da nossa realidade espiritual. Livres da ilusão que a matéria nos causa e diante do retrospecto daquilo que fizemos em nossas últimas existências, compreendemos o que realmente precisamos fazer para evoluir.

Com base em nossas necessidades, nossa próxima reencarnação começa a ser programada por Espíritos responsáveis por esse planejamento. Se tivermos méritos suficientes podemos fazer algumas escolhas dentro dessa programação.

É desse planejamento que ficam determinados os encontros que resultarão nas uniões que darão origem às novas famílias e quais Espíritos renascerão no seio da família a ser constituída.

Como nossas existências físicas se sucedem, nem sempre renascemos assumindo o mesmo papel que tínhamos em existências anteriores dentro daquele grupo de Espíritos.

Então, aquele que na existência passada foi meu pai, hoje pode ser meu filho. Uma irmã de outro tempo pode ser agora a minha mãe.

A sabedoria e a justiça Divinas são perfeitas e elas irão nos situar na posição que melhor atende às nossas necessidades de evolução.

Por exemplo: um homem e uma mulher que no passado tenham se comprometido por graves erros no campo do sexo podem renascer na mesma família na condição de pai e filha ou de mãe e filho. Reencontrando-se nessas condições é provável que esses Espíritos aprendam a ter, um pelo outro, o amor que desprezaram no passado delituoso.

Espíritos simpáticos também podem escolher renascer na mesma família porque entendem que, estando juntos, podem continuar a se auxiliarem mutuamente em suas jornadas evolutivas.

Porém, como nós temos problemas a serem resolvidos com muitos irmãos de caminhada, alguns reencontros dentro da família consagüinea serão marcados pela antipatia pois colocam lado a lado adversários do passado.

Isso explica porque dentro de uma mesma família encontramos pessoas tão afins e outras tão distoantes do grupo. Mas, como nos lembra Emmanuel, não existem uniões causais no lar terreno. Ninguém vai fazer parte de uma família sem que haja um propósito para isso.

Mas como Deus é infinitamente misericordioso, Ele nos concede a benção do esquecimento do passado.

Qual de nós teria estrutura para olhar para um familiar e reconhecer nele alguém que nos tirou a vida ou de quem nós tiramos a vida em existências anteriores? Um pai olhar para seu filho e identificar nele o algoz ou a vítima de um crime no passado?

Pouquíssimos de nós teríamos condições de conhecer essa verdade sem nos abalarmos profundamente. O mais provável é que a revolta ou a culpa tomasse conta de nós, comprometendo completamente o programa de nossa atual existência.

É por isso que Deus nos concede o esquecimento temporário do passado o que não significa que Ele nos isentou do trabalho de reparar as faltas de outros tempos.

Vale lembrar que a idade física não tem nenhuma relação com a idade espiritual. A Doutrina Espírita nos ensina que o corpo procede do corpo mas o Espírito não procede do Espírito. O Espírito procede de Deus.

Quando um homem e uma mulher se unem e dão início à geração de um novo corpo físico, o Espírito que habitará aquele corpo não será gerado pelo casal. Esse Espírito já existia e foi criado, como tudo o mais, por Deus.

Não importa o quanto um Espírito seja antigo e/ou evoluído; se esse Espírito reencarnou, obrigatoriamente ele terá que passar pela infância no corpo físico.

Por isso, é perfeitamente possível que o Espírito que hoje está na condição de filho seja muito mais elevado do que o Espírito que é seu pai. Chico Xavier foi uma criança; Divaldo Franco foi uma criança; Jesus Cristo foi uma criança.

Então meus irmãos, a família consagüinea pode abrigar - e geralmente abriga - Espíritos nos mais diversos graus de evolução. É aquilo que a Espiritualidade nos explicou na resposta da pergunta 779 de O Livro dos Espíritos que falou sobre a Lei do Progresso.

Por essa razão devemos nos esforçar por praticar a máxima tolerância possível com nossos familiares. Podem ter certeza de que nós, devido às nossas imperfeições, também estamos exigindo que eles sejam tolerantes conosco.

A família é, de fato, nossa primeira e mais importante oficina de trabalho. Porém, ela não é a única. Pensar que nossos compromissos na prática do bem estão restritos à família é um equívoco.

Todas as nossas relações sociais nos oferecem ensejo de praticar e desenvolver a tolerância. É assim no nosso círculo de amigos, no ambiente de trabalho, na escola, na vizinhança, nos locais de lazer etc. Em todos os lugarem encontraremos sempre a oportunidade de agir com tolerância, oferecendo algo de positivo àqueles com quem convivemos.

Existem algumas maneiras pelas quais podemos exercer a tolerância edificando algo de bom, útil e positivo nos outros e em nós mesmos. Vamos falar sobre elas daqui a pouco. Porém, para todas elas há uma condição indispensável: humildade.

No Evangelho Segundo o Espiritismo, no capítulo XIII - *Não saiba a vossa mão esquerda o que dê a vossa mão direita*, Allan Kardec e os Espíritos superiores nos falam que todo o bem que praticamos deve ser isento de orgulho e de vaidade. Não há espaço para esses sentimentos se desejamos verdadeiramente auxiliar o próximo.

De que adianta ser tolerante com alguém e ficar destacando nossa virtude? Já imaginaram o quanto seria ruim falar à alguém "Está vendo como sou paciente diante de suas imperfeições? Vê como sou uma boa pessoa?".

Essa arrogância só serviria para causar constragimento e humilhação a quem ajudamos. Não restaria nenhum sentimento de gratidão. Claro que não devemos fazer o bem - e aqui entra a tolerância - procurando receber a gratidão das pessoas. A prática do bem por si só já deve nos bastar.

Mas a gratidão pode servir como um indicador de que fizemos a coisa certa. Eu disse que "pode servir" porque, muitas vezes vamos fazer a coisa certa mas não haverá nenhuma demonstração de gratidão por parte de quem ajudamos. E que isso não seja um obstáculo para que continuemos a agir com tolerância.

Quanto às maneiras de tolerar construindo, a primeira delas é através do exemplo. Como dissemos antes, nada convence mais que o exemplo. As pessoas nos observam o tempo todo. Não adianta nós pregarmos uma coisa e praticarmos outra. O que vai prevalecer no fim é aquilo que fazemos e não o que falamos.

Muitas vezes o próprio ato de tolerar uma falta alheia já é nossa contribuição para a construção de novos valores na pessoa que falhou conosco. Imaginem que a pessoa esperava de nós o revide, o atrito, discussões, disputas e ela recebe nossa tolerância. O efeito de nossa ação pode ser extremamente positivo.

Nós também podemos contribuir com o aprendizado dos outros através da palavra. Sobretudo palavras de conforto e esclarecimento. Só precisamos tomar cuidado para que nossas palavras não se transformem em um sermão, em algo que possa soar como um lição de moral.

Essa é uma advertência que se aplica principalmente a nós, Espíritas. É comum nós ficarmos vislumbrados pelos ensinamentos que a Doutrina Espírita nos traz e ficamos ansiosos por passar esse conhecimento adiante. Precisamos ser cautelosos quanto a isso. Primeiro porque a pessoa a quem falamos pode não estar pronta para compreender nossas palavras. O momento espiritual dela pode ser totalmente diferente do nosso.

Segundo porque, ainda que a pessoa tenha plena capacidade de nos compreender, não significa que o conhecimento que levarmos a ela terá o mesmo impacto positivo que teve em nós.

Nossas palavras precisam ser ditas de maneira que a pessoa sinta-se compreendida. E se ela desejar nos falar de suas dificuldades, precisa ter a confiança necessária em nós para agir assim.

E aí entramos em uma outra forma de tolerar construindo: ouvir. Melhor dizendo: escutar. Porque ouvir é a capacidade de percepção do som e escutar é prestar atenção àquilo que se ouve. A cada dia que passa eu me convenço de que saber escutar é uma virtude. Em geral as pessoas têm muita facilidade para falar e muita dificuldade para escutar.

Emprestar nossos ouvidos é também uma forma de construção positiva. Mas é escutar de verdade. É deixar que a pessoa sinta que nós estamos preocupados com ela, que queremos entendê-la. Talvez naquele momento, tudo o que a pessoa deseja é ser ouvida.

Por fim, mas não menos importante, uma das formas mais valiosas de se auxiliar alguém: o silêncio. Há situações em que não cabe nada mais a não ser o silêncio. Vou dar um exemplo.

Tenho uma grande amiga em São Paulo que tem uma filha de 16 anos. A garota tem um amigo na escola que é da mesma idade que ela. O garoto e o pai são ateus. A mãe do garoto é católica mas não muito praticante.

Esse garoto começou a fazer uso esses cigarros eletrônicos. Como a mãe não concordava com a atitude do filho, certo dia ela chamou a atenção dele. Ele não gostou da atitude da mãe, retrucou a mãe e os dois iniciaram uma discussão mais acentuada. Havia alguns primos do garoto hospedado no apartamento deles. Ele se sentiu humilhado pela atitude da mãe e num gesto impensado, se jogou pela janela do apartamento em que moram no 4° andar do prédio.

Obviamente que a mãe entrou em desespero e começou a gritar. O pai, que estava tomando banho, saiu correndo para saber o que havia acontecido e logo que chegou no lugar onde o filho estava caído, encontrou o garoto consciente. O filho dizia que sentia muita dor e que não conseguia respirar.

O pai acomodou a cabeça do filho no colo com cuidado e começou a retirar da boca e do nariz do garoto enormes coágulos de sangue.

O rosto desse rapaz ficou destruído. Perdeu praticamente todos os dentes e vários ossos da face. Mas incrivelmente ele não teve sequelas na coluna, em nenhum dos órgãos vitais e nem no cérebro.

Qualquer pessoa com um mínimo de fé entenderia isso como um milagre. Saberia reconhecer que houve intervenção divina para que esse garoto não morresse.

Porém, o marido da minha amiga, em uma conversa com o pai do garoto, disse: "Deus deu a você a benção de poder ouvir seu filho e poder ajudá-lo naquele momento crítico em que ele estava todo ensangüentado em seu colo. Você acha que isso e o fato dele ter sobrevivido sem sequelas foi obra do acaso?". O pai apenas sorriu e deu de ombros.

Pergunto a vocês: adianta dizer alguma coisa a esse pai no que diz respeito à fé? Não, definitivamente, não. Apesar de ter recebido essa gigantesca prova do amor e da misericórdia de Deus, ele continua irredutível em seu ateísmo.

Por isso a única coisa que resta é o silêncio. Se esse pai ainda não se encontra no momento espiritual de compreender o que Deus fez pelo filho e por toda a família, só resta silenciar. Se um dia ele buscar uma palavra de esclarecimento, isso não deve ser negado a ele. Até que esse dia chegue, se chegar, silêncio.

Esse é apenas um exemplo. Em muitas ocasiões nós vamos compreender que a única coisa que podemos oferecer ao outro é o nosso silêncio. E. acreditem, às vezes ele é muito mais valioso do que qualquer coisa que nós pudéssemos dizer.

Bem, pode ser que a seguinte pergunta venha à nossa mente: a tolerância deve ser exercida sem limites?

Essa é uma pergunta extremamente difícil de ser respondida.

Emmanuel, novamente na psicografia de Chico Xavier, na obra Palavras de Vida Eterna, na lição 171 - Paciência em Estudo nos fala que a tolerância não deve ser usada para encobrir o erro deliberado.

Ele nos lembra que Jesus foi, no mundo, a expressão máxima da paciência mas nunca se mostrou passivo diante do mal.

O que Emmanuel quer nos dizer é que não devemos fazer da tolerância um instrumento de conivência com o erro. Se nossa tolerância começar a servir como um incentivo para a permanência no erro, então significa que ela atingiu seu limite.

Um problema que vemos frequentemente na educação dos filhos é o excesso de tolerância de alguns pais. Eles não negam nada a seus filhos, não impõem limites a eles, deixam que tudo façam e quando se dão conta, os filhos se tornam tiranos dentro de casa e delinqüentes na sociedade.

Esse não é um problema restrito à relação pais e filhos.

Há uns dois anos aproximadamente, passei no estabelecimento comercial de um amigo meu como faço frequentemente e ele disse que tinha uma coisa a me contar.

Para minha surpresa, ele me falou que estava se separando da esposa. Perguntei a ele o motivo e ele disse que já há muitos anos os gastos excessivos da esposa estavam comprometendo seriamente o orçamento doméstico. Estavam inclusive afetando o estudo das 2 filhas do casal.

Por inúmeras vezes ele chamou a esposa para conversar, falou que a atitude dela estava dificultando demais a vida dele. Afinal de contas, como comerciante ele tinha muitos compromissos e muitas responsabilidades e os abusos dela nos gastos traziam graves problemas a ele.

Depois de advertir a esposa por tantas vezes sem que ela mudasse seu comportamento, ele chamou as filhas para conversar e explicou que iria se separar da mãe delas. As filhas, que já tinham idade para compreender o que se passava, disseram que já haviam percebido os transtornos causados pelo descontrole da mãe e disseram que compreendiam o pai.

Quando esse meu amigo, que também é espírita, me falou sobre sua decisão ele disse: "Tenho medo de estar fazendo a coisa errada. Será que não é minha obrigação aceitar todas essas coisas que minha esposa está fazendo?".

Eu disse a ele: "Olha, essa é uma decisão que cabe exclusivamente a você. Como espíritas, sabemos que somos colocados junto àqueles com quem temos ajustes a serem feitos. Porém, acredito que ninguém seja obrigado a aceitar indefinida e incondicionalmente o erro do outro. Isso seria um incentivo para que o outro permaneça no erro".

Obviamente que eu não falei isso para incentivar meu amigo a por um fim no casamento. Como eu disse, aquela era uma decisão que cabia exclusivamente a ele. O que eu quis dizer é que Deus não nos impõe a obrigação de aceitar o erro alheio, de ser conivente com o erro do outro. Se assim fosse, a humanidade não iria progredir nunca.

Por outro lado, devemos ser igualmente cautelosos para não usarmos esse argumento para fugir dos nossos compromissos. Não podemos alegar que nossa tolerância está prejudicando a evolução do próximo simplesmente porque não quero me esforçar para compreender e auxiliar o irmão.

A linha que separa a tolerância construtiva da tolerância que compactua com o erro é muito tênue. Saber exatamente onde ela se situa dentro de nós exige auto conhecimento e muita reflexão